

Migrações contemporâneas na América Latina e o contexto mundial.

Uma entrevista com Frei Betto

Frei Betto é frade dominicano, escritor e assessor de movimentos sociais, reconhecido mundialmente por sua luta pela justiça social e pelos direitos humanos. Recebeu vários prêmios, no Brasil e no exterior, por sua luta em prol dos direitos humanos, entre eles o Prêmio José Martí 2013, da Unesco, e o Prêmio Dom Paulo Evaristo Arns, em 2014.

É autor de 57 obras, entre elas “Fidel e a religião” e “Paraíso Perdido - Viagens ao mundo socialista”, lançado em 2015, em que relata dezenas de viagens por países socialistas ao longo de mais de três décadas (1979-2012).

Publicou também livros infantojuvenis, de contos, ensaios e romances. Por sua obra literária, Frei Betto ganhou duas vezes o prêmio Jabuti, além do prêmio da Associação Paulista dos Críticos de Arte e o Prêmio Alba de Literatura. Suas obras já foram traduzidas para 25 idiomas.



Atualmente, é colunista de religião do jornal “O Globo” e articulista dos jornais “Folha de S. Paulo”, “Hoje em Dia”, “O Dia”, “Brasil de Fato” e da revista “Caros Amigos”.

A entrevista foi feita no contexto do I Seminário Migrações Contemporâneas e Direitos Fundamentais de Trabalhadores e Trabalhadoras em Santa Catarina, no qual Frei Betto fez a palestra de encerramento.

Entrevista concedida em 07/10/2015

Fonte: Por Rose Brasil/ABR (Agência Brasil) [CC BY 3.0 br (creativecommons.org/licenses/by/3.0/br/deed.en)], via Wikimedia Commons

Para citar esta entrevista:

BETTO, Frei. Migrações contemporâneas na América Latina e o contexto mundial. Uma entrevista com Frei Betto. [Entrevista realizada em 07 de outubro de 2015]. *Revista PerCursos*. Florianópolis, v. 16, n.32, p. 188 – 193, set./dez. 2015. Entrevistadoras: Camila Rodrigues da Silva e Samira Moratti Moratti Frazão.

DOI: 10.5965/1984724616322015188

<http://dx.doi.org/10.5965/1984724616322015188>

Entrevistadoras

Camila Rodrigues da Silva

Mestre em Economia pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Jornalista e Membro do Observatório das Migrações de Santa Catarina. Brasil
milaca@gmail.com

Samira Moratti Frazão

Doutoranda em História na Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC. Jornalista e Membro do Observatório das Migrações de Santa Catarina. Brasil
samiramoratti@gmail.com

PerCursos: *No último dia 05 de setembro, você publicou um artigo sobre migrações no jornal O Dia em que faz uma relação entre a estrutura do capitalismo e a atual crise humanitária que tem impactado o Oriente Médio e a África. Seguindo essa linha de raciocínio, de quê os imigrantes latino-americanos têm fugido hoje, na sua avaliação? Existe alguma especificidade do momento atual ou, ao longo dos anos, eles sempre fugiram da mesma coisa?*

Frei Betto: Bem, na América Latina há um fluxo migratório muito grande, seja para os países desenvolvidos da Europa Ocidental ou para os Estados Unidos, seja para os próprios países da América Latina e do Caribe. A mobilidade para os países metropolitanos se deve à busca de melhores salários e melhores empregos, em razão da ameaça de desemprego ou da dificuldade de qualificação profissional de quem migra.

Muitos que saem dos países latino-americanos não tiveram oportunidade de estudar, e sabem que, exercendo tarefas braçais nos Estados Unidos ou na Europa Ocidental, receberão um salário muito superior àquele que pessoas qualificadas profissionalmente recebem em seus respectivos países.

No Brasil, existe um fenômeno já superado, mas que pode ser reativado agora com a nossa crise econômica, que é Governador Valadares (MG). Praticamente toda uma cidade passou a ser sustentada pelos imigrantes que se foram, sobretudo, para os Estados Unidos. Criou-se uma enorme rede de apoio, de acolhimento, de facilitação e, ao mesmo tempo, de captação dos dólares que permitiam às famílias, que às vezes eram muito pobres, a ter terreno, a construir uma casa, a comprar um carro, porque tinham dois ou três parentes nos Estados Unidos.

Em suma, a razão primeira é a desigualdade que reina nesse mundo em que vivemos. Uma brutal desigualdade, que foi muito bem analisada no livro do Thomas Piketty, “O capital no século 21”. Segundo a Oxfam [sigla em inglês para Comitê de Oxford de Combate à Fome], as 85 pessoas mais ricas têm uma renda igual à das 3,5 bilhões de pessoas mais pobres, que é a metade da humanidade. Esses dados foram apresentados em Davos, na reunião anual do clube dos mais ricos do mundo, em 2014.

Outro fenômeno é o fluxo migratório dentro do próprio continente, entre os países da América Latina e do Caribe. Esse fluxo também se dá por força da desigualdade. Por exemplo: um grande número de bolivianos e peruanos que vêm trabalhar no Brasil, principalmente nas grandes metrópoles, geralmente são empregados em situações de semiescravidão, grande parte na indústria têxtil. E o que é mais escandaloso é que essa mão de obra extremamente barata, descartável, é utilizada por fábricas de roupas que trabalham para lojas de grife. Em outras palavras, muitas pessoas que estão sumamente ricas às vezes ignoram que a grife que gostam, exibem e ostentam é resultado do trabalho semiescravo de milhares de pessoas.

E há um fluxo muito característico que é o dos haitianos, que se dá por forças da miséria, que é crônica no Haiti, mas também por força do terremoto, que destruiu toda a estrutura material do país. Então, essas pessoas saem em busca de uma condição mínima de sobrevivência.

PerCursos: *Sobre o histórico de acolhimento de imigrantes no Brasil: a Igreja Católica, principalmente suas pastorais, sempre tiveram protagonismo no acolhimento de imigrantes. Como o senhor analisa esse trabalho no atual momento? É diferente de alguns anos atrás?*

Frei Betto: Eu não sei avaliar muito, porque não sou da Pastoral do Migrante, mas tenho acompanhado superficialmente e sinto que a Igreja está empenhada em incrementar esse acolhimento e estruturar melhor a pastoral devido ao aumento do fluxo migratório, seja dos haitianos, seja dos sírios.

O apelo do Papa Francisco, de que todas as paróquias devem, no caso da Europa Ocidental, acolher pelo menos uma família (ele acolheu duas, no Vaticano), ressoa nas nossas paróquias, e as pessoas estão sensibilizadas com esse acolhimento.

A Missão da Paz, lá em São Paulo, é exemplar nesse sentido de acolher, cuidar das crianças e facilitar os trâmites para obter emprego, moradia e condições dignas de vida. Então, diria que o próprio fenômeno migratório está reativando a Pastoral do Migrante.

O governo também tem dado parte importante, embora muito aquém do que poderia e deveria fazer. A maior falha é de nos Estados brasileiros não existir a secretaria do migrante. E, embora a presidente Dilma tenha dito que o Brasil está de portas abertas (e

já são mais de sete mil sírios acolhidos nos últimos meses aqui), há uma confusão tremenda entre o Ministério das Relações Exteriores, o Ministério do Trabalho, a Polícia Federal, e o Ministério do Turismo. Sabe, eles não se entendem! Por quê? Porque a legislação brasileira é confusa. Nós temos heranças da ditadura na Lei do Migrante [o Estatuto do Estrangeiro] que ainda não foram modificadas, e temos acordos, como aquele do Mercosul [Declaração de Princípios do Mercosul sobre Proteção Internacional dos Refugiados, assinado no final de 2012], acordos de jurisprudência, que são mais avançados. Mas não houve uma conformidade legislativa para tratar o migrante com mais dignidade, mais respeito, mais acolhimento.

As coisas são confusas. Aos olhos de muitos setores do governo, os migrantes são ameaças à segurança nacional, invasores. Aos olhos de muita gente da população, eles vêm roubar nossos postos de trabalho. É evidente que, no Brasil, isso não é tão acirrado quanto na Europa Ocidental e nos Estados Unidos, mas o fato é que o poder público tem muito a caminhar na questão do migrante, tanto daquele que entra, quanto daquele que sai.

PerCursos: O senhor falou da Lei de Estrangeiros, que é a lei migratória atual. Qual a sua opinião sobre a nova lei que está em tramitação.

Frei Betto: Pois é. Eu acho que ela corrige a lei de 1980 da ditadura. Eu não sou um especialista, não é meu setor, mas pelo que eu conheço das duas leis, a lei do senador Aloysio [Nunes Ferreira, autor da PL 2516/2015 que atualmente está em tramitação na Câmara dos Deputados], tipifica os vários perfis de imigrante. E isso facilita muito.

Já há uma distinção na forma de acolhimento: aqueles que têm visto humanitário, aqueles que têm visto de trabalho, aqueles que estão refugiados, que são acolhidos pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR). Mas isso não está muito estruturado, e eu creio que a lei do senador Aloysio vai representar um avanço.

Aloysio foi refugiado: perseguido pela ditadura, viveu muitos anos na França. Isso explica porque se empenhou tanto no assunto.

PerCursos: Voltando à relação do Brasil com as migrações contemporâneas, qual a responsabilidade do nosso país sobre os fluxos migratórios? Na sua opinião, alguma ação política ou econômica teria acelerado esse fluxo para cá?

Frei Betto: Muito difícil encontrar alguém que não seja descendente de migrantes. Todos nós somos migrantes de alguma forma. E o Brasil, por ser um país onde é fácil a miscigenação, apesar de haver racismo aqui ou ali... Inclusive um racismo brutal, que ainda é encoberto pela desigualdade social, porque se os negros aqui fossem ricos, esse racismo afloraria muito mais. Mas, comparado a outros países, somos um país muito acolhedor.

PerCursos: Ainda sobre esse assunto: nós acabamos de sair de uma mesa do Seminário [Migrações Contemporâneas e Direitos Fundamentais de Trabalhadores e Trabalhadoras em Santa Catarina] com relatos pesados de xenofobia em Chapecó. Casos de violência e discriminação dentro do ônibus pela própria população da cidade, que é tão pobre quanto os próprios imigrantes. Por mais que o país seja receptivo, existe um nível de xenofobia. Que fatores influenciam esse comportamento? É a imprensa, a história?

Frei Betto: Primeiro, lembrando Paulo Freire: a cabeça do oprimido é hotel do opressor. Então, essas pessoas, embora sejam pobres, são como policiais militares, que tratam os moradores das favelas como se eles próprios fossem moradores dos bairros mais ricos da cidade. Mas eles só vestem uma farda. Esquecem que, muitos deles, vieram também da favela, de famílias muito pobres. Mas isso é um fenômeno que acontece.

Como o imigrante que chega aqui, majoritariamente, se destina ao trabalho braçal, ele representa uma ameaça para o trabalhador braçal brasileiro. Daí, a xenofobia, o pensamento de “esses caras vêm roubar o nosso posto de trabalho”, “vêm ocupar o nosso lugar, e eu vou ficar desempregado”.

Na Europa, já há um grande desemprego por causa da crise econômica, e o pânico é que ele [o imigrante] venha. Tanto que a Alemanha tem um critério: você pode contratar qualquer imigrante desde que fique provado que a empresa tentou empregar um alemão e não o encontrou para aquele posto de trabalho.

E são fatores que, infelizmente, escolas, igrejas, famílias não trabalham suficientemente, muito menos os meios de comunicação. Os meios de comunicação deveriam ser os indutores de uma educação de entrosamento, do acolhimento e contrária à xenofobia. Mas, em geral, eles relatam a violência decorrente da xenofobia nos filmes, nas novelas, mas sem olho crítico suficiente para ajudar os telespectadores a terem discernimento, a mudarem sua posição, a fazerem a autocrítica. Isso infelizmente não ocorre, e as escolas também não trabalham a questão.

Aliás, as escolas hoje têm dificuldade de lidar não só com a questão do migrante, mas com outras diferenças; elas não sabem como receber um portador de necessidades especiais dentro de sala de aula. Criou-se um modelo de ser humano que é ianque, branco, capitalista, consumista, de olhos claros. Esse é o cidadão de primeira classe. Aí, você tem a segunda classe, que são os brancos que não têm olhos claros. Depois vem a “gentalha”. Superar isso é um desafio histórico, que encerra uma luta muito longa, muito grande, mas que a gente tem que empreender.

PerCursos: *O que você acha da cobertura que a imprensa brasileira dá à questão da migração?*

Frei Betto: Eu acho que os jornais e as revistas cobrem melhor que as televisões. Há matérias interessantes, abrangentes, entrevistas. Agora, as televisões falam muito mais do fluxo migratório na Europa, ou de quando há violência nos Estados Unidos, do que daqui. Não tenho critérios estatísticos do que estou dizendo, mas a minha impressão é de que a TV e a Internet abrem menos espaço para o tema migratório.

Recebida em: 10/02/2016
Aprovada em: 12/02/2016

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC
Centro de Ciências Humanas e da Educação - FAED
Revista PerCursos
Volume 16 - Número 32 - Ano 2015
revistapercurso@gmail.com